EDIÇÃO ESPECIAL – DESEMPREGO NO COMÉRCIO – Julho/2015

VOZ COMERCIÁRIA

ÓRGÃO OFICIAL DO SINDICATO DOS COMERCIÁRIOS DE SÃO PAULO • sindicato@comerciarios.org.br • www.comerciarios.org.br

- Lojas fechadas
- Comerciários demitidos
- Aumento do desemprego
- Crescimento do trabalho informal

Este é o retrato da atual política econômica do País

Vamos sair dessa

Ricardo Patah,
presidente do Sindicato dos Comerciários de São Paulo

Comerciários e comerciárias de São Paulo, é fato que estamos enfrentando hoje uma crise política e econômica que nos afeta diretamente. Ao ficar receoso, o consumidor deixa de comprar. Quando ele deixa de comprar, as lojas deixam de vender e passam a cortar gastos. E, infelizmente, entre esses cortes está o emprego de milhares de trabalhadores.

Esta publicação tem como objetivo mostrar a vocês o atual cenário. Mais do que isso, quero que vocês saibam que nós, do Sindicato dos Comerciários de São Paulo, estamos trabalhando diuturnamente para reverter esse quadro. Não temos esse poder sozinhos, mas estamos em cima, estamos de olho, criamos propostas, exigimos o cumprimento de promessas, vamos às ruas, lutamos pelos direitos trabalhistas incansavelmente.

Não vamos aceitar a precarização nem tão pouco abandonar aqueles que, expulsos ou sem acesso ao trabalho decente, lutam pela sobrevivência na informalidade.

Queremos ser ouvidos, queremos ter mais e mais representantes políticos que lutem pelos direitos trabalhistas e que enxerguem o trabalhador como um cidadão. Queremos a construção de políticas públicas voltadas ao comerciário. Nosso compromisso é com vocês. Juntos, somos mais fortes.

Jornal Voz Comerciária EDIÇÃO ESPECIAL – Publicação do Sindicato dos Comerciários de São Paulo

Diretoria: Ricardo Patah (Presidente); José Gonzaga da Cruz (Diretor Vice-Presidente); Edson Ramos (Diretor Secretário Geral); Antonio Carlos Duarte (Diretor Tesoureiro/Financeiro); Marcos Afonso de Oliveira (Diretor do Departamento Jurídico); Antonio Evanildo Rabelo Cabral (Diretor de Educação, Formação Profissional e Esportes); Neildo Francisco de Assis (Diretor de Patrimônio); Josimar Andrade de Assis (Diretor de Relações Sindicais); Cleonice Caetano Souza (Diretora de Assistência Social e Previdência).

Suplentes da Diretoria: Amanda Cristina Bernardo - Aparecido Tadeu Plaça - Cremilda Bastos Cravo - Dijalma Alves Domingues - Isabel Kausz dos Reis - Isaias Roberto da Silva - Marinaldo Antonio de Medeiros - Marlene Teixeira Rodrigues - Rosilania Correia Lima.
Conselho Fiscal: Avelino Garcia Filho - Adriana Machado - Luiz Hamilton de Sousa.
Suplentes do Conselho Fiscal: Gino Vaccaro - Domingos Serralvo Moreno - Maria das Graças da Silva Reis.
Delegados Federativos: Nildo Nogueira - Wilson Moura da Silva.
Suplentes de Delegados Federativos: Natalli Regina Fonseca de Almeida - Erasmo Jacinto da Silva.
Conselho de Planejamento Estratégico: Rubens Romano - Julio Nicolau - Manuel Correia - Eduardo Karan.

Editora e jornalista responsável: Elaine Gazonni Mtb 17.654/SP
Textos: Karina Amador e Ana Castanho.
Artes e diagramação: Antonio Laudate - **Fotos:** FH Mendes e Jaélcio Santana.
Julho de 2015 - Ano IV - **Tiragem:** 80 mil exemplares.

ENDEREÇOS DO SINDICATO DOS COMERCIÁRIOS DE SÃO PAULO
SEDE: Rua Formosa, 99 - Vale do Anhangabaú - Centro - Tel.: 2121-5900
www.comerciarios.org.br - sindicato@comerciarios.org.br
SUBSEDES: Pinheiros: Rua Dep. Lacerda Franco, 125 - Tel.: 2142-3300
Tatuapé: Rua Dr. Raul da Rocha Medeiros, 72 - Tel.: 3466-9393
Lapa: Rua 12 de Outubro, 385 - 4º andar - cjs 41/42 e 6º andar cj. 62
Tel.: 2131- 9900 -
Santo Amaro: Rua Coronel Luis Barroso, 102/106 - Tel.: 2162-1700
Santana: Rua Voluntários da Pátria, 1.961 - 4º andar - cjs 401/402 - Tel.: 2121-9250
São Miguel: Rua Arlindo Colaço, 162 - Tel.: 3466-9600
Bom Retiro: Rua José Paulino, 586 - 5º andar - Tel.: 2504-3535
Brás: Rua Brigadeiro Machado, 33 - 1º andar - Tel.: 2144-9671
Ambulatório: Rua Dr. Diogo de Faria, 967 - Tel.: 2142-3350
Clube de Campo: Estrada do Morro Grande, 3.000 - Cotia
Tel.: 2121-5967
Colônia de Férias: Avenida Guilhermina, 240 - Praia Grande - Tel.: (13) 3474-2310

Vendas caem e desemprego aumenta

Somente no primeiro trimestre deste ano, as vendas caíram 7,3% na capital paulista em comparação com o mesmo período de 2014, segundo a Fecomercio-SP (Federação do Comércio do Estado de São Paulo).

"Essa dificuldade no comércio é reflexo da dificuldade da economia em nível nacional. Os preços estão subindo, o que compromete ainda mais a renda das famílias. As pessoas estão vivendo incertezas em relação ao futuro, por isso diminuem o consumo", explica Ricardo Patah, presidente do Sindicato dos Comerciários de São Paulo.

E qual a consequência imediata de uma loja sem movimento? A diminuição do número de funcionários e, muitas vezes, o fechamento das portas com a demissão de todo o quadro de empregados.

De janeiro a junho de 2015, foram feitas 60.607 homologações no Sindicato dos Comerciários de São Paulo.

Isso significa que o comércio – que é, historicamente, o setor que mais emprega no Brasil – está sendo uma das áreas mais prejudicadas em função da crise política e econômica nacional.

O Brasil fechou 115.599 vagas formais de trabalho em maio, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) divulgado pelo Ministério do Trabalho no início de junho.

De acordo com a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) da Fundação Seade e do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), divulgada em junho, a taxa de desemprego na Região Metropolitana de São Paulo subiu para 12,9% em maio ante 12,4% em abril.

"De janeiro a junho de 2015, foram feitas 60.607 homologações no Sindicato dos Comerciários de São Paulo"

Datas não tão mais comemorativas

No caso do comércio, especificamente, pode-se atrelar a alta do desemprego, por exemplo, ao movimento menor no Dia das Mães, que é a segunda maior data do setor em vendas, segundo a Associação Comercial de São Paulo (ACSP).

Neste primeiro semestre de 2015, já passamos também por outra data importante no quesito vendas de presentes: o Dia dos Namorados.

No entanto, nenhuma das duas foi tão comemorativa assim. Pelo menos não para o comércio.

Na semana do segundo domingo de maio, quando se comemora o Dia das Mães, a queda nas vendas em São Paulo foi de 4,9% em comparação ao ano passado, de acordo com o Serasa.

No Dia dos Namorados, também na capital paulista, as vendas caíram pela primeira vez desde 2009, segundo a Boa Vista SCPC (Serviço Central de Proteção ao Crédito). Em faturamento, foi uma perda de R$ 5,2 bilhões em relação a 2014, de acordo com a Federação do Comércio do Estado de São Paulo (Fecomercio-SP).

Grandes redes aproveitam para demitir

Do total das demissões ocorridas em 2015, a maioria se concentrou em grandes redes. A alegação é sempre "precisar adequar o quadro de funcionários ao cenário atual".

"Em pequenas empresas, fica mais difícil demitir. Além do número reduzido de funcionários, há datas importantes no segundo semestre, como Dia dos Pais, das Crianças e Natal. Essas empresas preferem adiar demissões ou fazer contratações sazonais", explica Ricardo Patah.

Para ele, frente ao cenário de ajuste econômico e fiscal que vivemos, "se o comércio crescer como em 2014, na faixa dos 3%, já está bom. Mas não podemos diminuir".

Além do desemprego, a informalidade

Tradicionais polos comerciais de São Paulo estão fechando lojas, passando o ponto, se desfazendo de seus empregados. Um cenário triste e preocupante, mas que o Sindicato dos Comerciários luta diariamente para reverter.

Segundo a **Alobras** (Associação de Lojistas do Brás), de janeiro a maio deste ano, 102 lojas foram fechadas na região e uma das principais consequências das demissões ocorridas por esses fechamentos foi o "enorme aumento do mercado informal nas ruas do bairro".

Também foram abertos cerca de 18 dos chamados "shopping-boxes", com até 600 boxes para alugar. Em um deles, em Santo Amaro, o aluguel varia de R$ 800 a R$ 1800.

Já na região do Bom Retiro, foram fechadas cerca de 20 lojas desde o início de 2015, de acordo com a **Câmara de Dirigentes Lojistas do Bom Retiro.**

Comerciários do Largo 13 de Maio, na região de Santo Amaro, zona sul da capital paulista, contam que muitas pessoas estão migrando para os boxes para garantir trabalho, mas que não são registrados nem recebem benefícios. "É o salário e a comissão, mas as vendas caíram demais este ano", diz um dos comerciários, que preferiu não se identificar.

Essa queda no movimento é visível a qualquer um que passe pelas ruas consideradas tradicionais do comércio paulista. Locais que normalmente seriam abarrotados de gente, como a região da Rua 25 de Março, o Brás, Bom Retiro ou Largo 13 de Maio, hoje trazem dezenas de placas de "aluga-se" ou "vende-se".

"Nosso Sindicato tem uma enorme preocupação com as demissões. Além das milhares de pessoas que ficam desempregadas, desestruturando famílias inteiras, há aqueles que apelam para o trabalho informal. São trabalhadores sem direitos, em situação precária, sem carteira assinada, sem proteção social, que muitas vezes até alimentam um mercado de contrabando", diz Patah.

O presidente do Sindicato dos Comerciários de São Paulo ressalta que esse mercado paralelo também não é bom ao empresário, que passa a ter uma concorrência desleal.

Além disso, a informalidade trava a economia e o desenvolvimento do País, à medida em que deixam de ser pagos impostos e taxas devidos ao Governo.

"Nosso Sindicato tem uma enorme preocupação com as demissões. Além das milhares de pessoas que ficam desempregadas, desestruturando famílias inteiras, há aqueles que apelam para o trabalho informal"

(Des)Confiança do consumidor

No mês de junho, o Índice de Confiança do Consumidor (ICC) recuou 1,4% em comparação ao mês anterior, segundo a Fundação Getúlio Vargas.

"Na prática, isso revela um consumidor preocupado com a situação econômica – o que esbarra de frente com o freio no consumo, a consequente queda nas vendas e o aumento do quadro de comerciários dispensados", explica Patah. "Precisamos de ações propositivas, que esquentem a economia. É preciso aumentar o número de empregos para girar o comércio."

"Precisamos de ações propositivas, que esquentem a economia. É preciso aumentar o número de empregos para girar o comércio"

Juntos vamos reverter esse quadro

É fato: não é possível fazer um ajuste fiscal cortando direitos trabalhistas e previdenciários dos brasileiros. Mas, infelizmente, é isso que está ocorrendo em nosso País.

Historicamente, ajustes fiscais não dão certo pois reduzem a renda dos mais necessitados, enfraquecem o comércio, diminuem a arrecadação tributária, geram desemprego e, consequentemente, alimentam o mercado informal.

A partir do momento em que se reduz a renda de grande parte da população, diminuindo seu poder de compra, um dos setores mais afetados passa a ser o comércio. Isso só faz com que a economia pare, a justiça social fique travada, ocorra aumento do desemprego, concentração de renda e o País regrida.

Cortar gastos desestabiliza a economia e promove um desequilíbrio fiscal. Precisamos aumentar e não diminuir a arrecadação.

Pior do que isso é o Banco Central elevar as taxas de juros com a justificativa de reduzir a inflação: um prato cheio para acabar com o poder de compra do brasileiro.

Mas o Sindicato dos Comerciários de São Paulo está atento, não desiste e luta para que toda essa situação seja revertida.

É necessário que as decisões governamentais tenham como foco promover o bem comum, de todo cidadão. Precisamos criar ações que facilitem para as pessoas comprarem.

Desonerar a folha de pagamento para diminuir os encargos trabalhistas é uma das alternativas que o Sindicato debate com o Governo. Outro caminho é a reforma tributária, que cobraria mais de quem ganha mais.

Buscamos medidas de reforço de formalização do trabalho informal, no caminho do trabalho decente.

Enxergamos o trabalhador como cidadão e lutamos pelos seus direitos, para que ele trabalhe de forma justa e saudável e continue sendo o principal personagem do crescimento da economia brasileira.